

os caminhos de uma viagem: por que está entediada Éveline? de Gabrielle Roy e as margens da alegria de Guimarães Rosa

Les chemins d'un voyage: de quoi t'ennuies tu, Éveline? de Gabrielle Roy et as margens da alegria de Guimarães Rosa

Autor: Ady Sá Teles Santana

Resumo

Este artigo faz referência a análise de duas obras: De quoi t'ennuies tu, Éveline? De Gabrielle Roy e As Margens da Alegria de Guimarães Rosa. O objetivo principal é comparar Guimarães Rosa, autor brasileiro, nascido em 1908, Minas Gerais, Brasil. As obras foram publicadas nos anos sessenta e trazem elementos autobiográficos, psicológicos e fantásticos do imaginário desses escritores, que fazem parte de contextos diferentes, mas que se encontram em seus escritos.

Palavras-chave: Viagem; Literatura; Comparação.

Résumé

Cet article se consacre à l'analyse de deux oeuvres: De quoi t'ennuies tu, Éveline? De Gabrielle Roy et le conte As Margens da Alegria de Guimarães Rosa. Le but est de faire une comparaison entre Guimarães Rosa, auteur brésilien né en 1908, Minas Gerais, Brésil, et Gabrielle Roy, écrivaine francophone, née en 1909 à Saint-Boniface, Québec, Canada. Les oeuvres ont été publiées à les années soixante et elles presentes les idées autobiographique, psychologique et fantastique d'imaginaire des ces écrivains, dans les contextes différents, mais que se rencontrent à partie de l'écriture.

Mots-clé: Voyage; Littérature; Comparaison.

Introdução

Este estudo de comparação tem por objetivo principal o diálogo entre as obras de dois grandes autores: Gabrielle Roy, escritora francófona do Canadá e Guimarães Rosa, romancista brasileiro. Destarte, de acordo com Machado e Pageaux (1988) a literatura comparada como disciplina não se baseia apenas na comparação, mas trata também de relacionar duas ou mais literaturas, dois ou mais fenômenos culturais, ou autores, textos e culturas, além de justificar de maneira sistemática esta relação estabelecida. Portanto a

proposta aqui apresentada visa a analisar as respectivas obras de dois autores, que apesar de se encontrarem em contextos diversos, cujas línguas são irmãs, mas cada uma delas com suas especificidades entram em sintonia em um processo de amálgama que caracterizam a interlocução e o diálogo literário.

Gabrielle Roy, nascida em 1909, Saint-Boniface (Manitoba) Canadá e Guimarães Rosa, nascido no ano de 1908, em Cordisburgo (Estado de Minas Gerais) Brasil, se encontram através de uma escrita particular que caracteriza não só o modo de escrever de cada um como também a universalidade de temas presentes em culturas e sociedades diversas. O tema que nos propomos analisar é, ainda nos apropriando de Marcelo e Pegeaux (1988), acima de qualquer coisa experiência do estrangeiro: **a viagem**. Segundo os dois teóricos, “[...] a viagem é simultaneamente uma experiência humana singular, única inconfundível para aquele que a viveu, e um testemunho humano que se inscreve num momento preciso da história cultural[...] (p. 34). Real ou imaginária a viagem é um processo de descoberta de mundos e culturas, invenções e criações do indivíduo denominado de “o viajante” aquele que vivencia esse processo de construção através da apropriação que faz da(s) cultura(s).

O percurso histórico da literatura ocidental apresenta o tema da “viagem” desde a antiguidade quando Ulisses vive suas aventuras na Odisséia grega de Homero, passando pelo “Inferno de Dante” e as viagens dos navegadores no século XVI enfrentando os titãs em “Os lusíadas” de Camões, percorrendo caminhos diversos na literatura filosófica de Voltaire, a romântica do século XIX, em que muitos autores a exemplo de Victor Hugo entre outros realistas como Balzac, além de poetas como Rimbaud e Verlaine e para não tornarmos a lista enfadonha e não deixarmos grandes nomes de fora, têm buscado representar um imaginário real vivenciado ou visto. Uma visibilidade que retrata o perfil seja do autor narrador, ou daquele que dá a voz ao outro para contar suas experiências.

Gabrielle Roy e Rosa: os caminhos de uma viagem

Os caminhos de Roy e Rosa se cruzam através dos percursos literários que se constroem em “viagens” reais e imaginárias, isso porque, as pesquisas que foram feitas aqui evidenciaram um detalhe: a viagem é um dos temas que não só fazem parte do imaginário de Roy e Rosa como também de suas vidas. Entre as viagens que fez em vida com sua estada na França até se estabelecer definitivamente no Québec, a canadense pôde se apropriar do “outro” e se deixar apropriar por ele em seus escritos. Vivendo em mundos diferentes que oscilam entre o estrangeiro e o sertão o mineiro, Rosa traça um perfil literário grandioso e eloquente com uma linguagem rica em neologismos e “invenções” linguísticas que deixam a nós brasileiros e leitores estrangeiros inebriados e fascinados. Não foi o acaso que nos mostrou essas duas possibilidades, mas foi o acaso que nos levou a observar a similaridade encontrada nas iniciais desses grandes escritores, o G de Gabrielle e de Guimarães, O R de Roy e Rosa. Até mesmo ao escrevermos o texto a surpresa do acaso nos extasia. Como não vemos similitudes em tantas referências dialógicas que se iniciam na identificação identitária de indivíduos tão distintos e tão símiles. Nascidos em hemisférios opostos (sul e norte), mas em datas próximas com um ano apenas que distancia o nosso Rosa da fascinante Roy. Mulher e homem. Os casamentos tradicionais sugerem uma relação entre um homem mais velho e uma mulher mais jovem que se conhecem paulatinamente e se aproximam por afinidades familiares e não pessoais. O “casamento” de Rosa e Roy ultrapassa as barreiras do tradicional do moderno, um “casamento” que se dá através da literatura, em mundos que se encontram nas viagens de Éveline, uma senhora de setenta e cinco anos e um “menino” na flor da idade, e que começam a descobrir um mundo totalmente diferente dos seus, um mundo de sonhos e realizações, mas também de decepções e tristezas.

Gabrielle Roy constrói personagem feminino rico e intenso no qual reside as aflições e angústias representadas numa mulher idosa que só se vê ante ao fim, quando todos de sua convivência e idade já não estão mais presentes, só lhe resta um irmão que há muito não encontra. Segundo Agnès Whitfield (1985), “L’attrait particulier de l’oeuvre de Roy semble résider dans l’universalité des thèmes, et en particulier, dans l’importance pour Roy des préoccupations et des personnages féminins”ⁱ. (p. 62) A estudiosa ressalta ainda que a obra de Roy desenvolve temas universais bem conhecidos, a exemplo de “la fragilité de l’enfance et de l’adolescence, la dure réalité de l’âge adulte, le couple malheureux, la vieillesse, la nature, le voyage, la rêverie”ⁱⁱ. (p. idem). Éveline reúne em

sua personagem três desses temas: a velhice, a viagem e o devaneio e porque não dizer a natureza e a idade adulta, pois quando tudo parece já conhecido e é como se não houvesse surpresas pela própria condição de idosa, a possibilidade de sonhar em uma viagem que jamais pensaria em fazer, proporcionada por seu irmão e encontro com o mar surgem como algo novo e encantador.

Dans sa vieillesse, quand elle n'attendait plus grande surprise ni pour le coeur ni pour l'esprit, maman eut une aventure. Elle lui arriva par Majorique, le frère qu'elle n'avait jamais cessé de chérir tendrement, peut-être Parce qu'il menait la vie qu'elle eût aimée pour elle même: partir, connaître autant que possible les merveilles de ce monde, traverser la vie em voyageur. Toute sa vie d'adulte, captive de de son foyer, de ses devoirs, jamais maman n'avait abdiqué son désir de liberté, et quand la liberté vint enfin, ce fut avec la douleur des séparations. Son mari au cimetière, ses enfants dispersés, elle eut le coeur enchaîné par les souvenirs et le chagrin. (ROY, 1984, p.11)ⁱⁱⁱ

Assim começa a história de Éveline. Uma história que parece ser o fim, mas na verdade é o começo de uma nova realidade. Poder viajar e conhecer o desconhecido, fazer algo que nunca pode e teve coragem de fazer, reencontrar um irmão querido que não vê há muito tempo. Porém a dúvida causada por um telegrama enigmático de seu querido irmão. Palavras que a deixam confusa e que vão segui-la em todo o percurso de sua viagem, ao encontro de algo que ela desconhece: "*Majorique à la veille du grand départ souhaite revoir Éveline. Argent suit*"^{iv}. (p. 13) Como interpretar tal frase. E reflete sobre tais palavras como se quisesse encontrar uma resposta para não ter surpresas: será que seu irmão vai partir para uma outro lugar mais distante? Será que ele está a beira da morte?

Difícil para ela saber o que de fato está acontecendo, mas o que fazer? Um pedido de seu irmão amado, uma viagem com despesas pagas por ele. Talvez ele quisesse proporcionar a ela algo que sabia ser importante. Uma viagem. Um mundo novo a ser descoberto por uma pessoa que sempre viveu sem surpresas, uma vida diferente daquela que sempre foi a sua. A ideia de viajar deixou-a ansiosa. Arrumar as malas, organizar as coisas, comprar a passagem. De ônibus é melhor, além de poder ver a paisagem é mais barata.

Guimarães Rosa dar a voz a um menino que talvez fosse ele próprio em sua infância de fantasias ou a de qualquer um de nós. Mesmo dizendo em entrevista que não gostava de falar de sua infância, pois dizia ser a mesma um tempo de coisas boas, mas sempre com

peessoas grandes incomodando e estragando os prazeres pueris, vê-se que em muitos de seus contos, não só fala de crianças como também mostra um pouco do “grande pequeno” Rosa. Com sua maestria na linguagem volta e meia apresenta uma escrita infantil, própria e singular...

Esta é a história. Ia um menino, com os Tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz; para ele produzia-se em caso de sonho. Saíam ainda com o escuro, o ar fino de cheiros desconhecidos. A Mãe e o Pai vinham trazê-lo ao aeroporto. A Tia e o Tio tomavam conta dele, justinhamente. Sorria-se, saudava-se, todos se ouviam e falavam. [...] O menino fremia no acorçoo, alegre de se rir para si, confortavelzinho, com um jeito de folha a cair. (ROSA, 1968, p. 03)

Mas uma escrita profissional do homem/menino/Rosa que atravessa o universo da linguagem numa viagem de fantasias e realidades. O menino com M minúsculo é minúsculo também no mundo dos adultos: Pai, Mãe, Tio e Tia. Todos com iniciais maiúscula, representando o mundo infantil de Rosa cujos adultos “estragavam os prazeres infantis”, mas também representam a proteção e o cuidado de que o menino precisava naquele momento tão estranho e singular. Momento de mudança. Novos sonhos estavam por vir, as margens do desconhecido. E o que aquela viagem trazia para ele? Viajar de avião. Sua primeira viagem e de avião. Duas horas apenas, mas que pareciam uma eternidade para aquele pequeno homem que encontrava a sua primeira aventura. “[...] o Tio ensinava-lhe como era reclinável o assento _ bastando a gente premer manivela. Seu lugar era o da janelinha, para o móvel mundo”. (idem)

O menino sentia-se bem e feliz com sua nova e estranha aventura. Uma aventura no imaginário da viagem. “O menino tinha tudo de uma vez, e nada, ante a mente” (ROSA, 1968, p. 04). Uma sensação de vazio e completude, um paradoxo da relação humana com o estranho, desconhecido, mas que logo, logo se fará conhecido. As margens de uma felicidade, ou mesmo dentro dela. Como calcular o incalculável? Para alguém que se fazia sentir gente grande com todas aquelas pessoas lhe paparicando, a sensação de ser um todo em tudo. A confusão na cabeça do menino vai se fazer quando vê o peru, animal eloquente em sua formosura de penas e cores, e em seguida triste e sem significado na mesa de jantar. Era o momento de o menino pensar no passado e na alegria que ficou para trás e não havia como voltar. É triste conhecer a morte tão jovem.

As expectativas da viagem eram tantas para aquele menino que nunca tinha embarcado em um avião até aquele momento em que seu tio lhe agradeceu com presente tão especial. Muitos sonhos para serem realizados, vontades e desejos de uma criança pura alegre, mas que perde toda sua ingenuidade ao se deparar com a morte do peru. Quando já estava sentido que havia um amigo naquela cidade estranha e que podia contar com ele, tudo passa a ser pesadelo, quando vê aquela ave com sua carne exposta, nua, sem penas, sem colorido, e nada de exuberância e imponência. O poder e a realeza do peru foram destruídos, queimados, vítima de um destino trágico e triste. Aquela pobre ave que não mais poderia se expressar. Um amigo esquecido.

Não importava o que os outros pensavam. Era o peru que estava no centro da mesa, como um réu sem advogado de defesa. Com seu destino já concluído. E por que ele não teve tempo de se aproximar do peru um pouco mais? Por que aquela amizade que mal havia começado já havia terminado e de forma trágica? Ele não conseguia entender o porquê daquilo tudo. Uma alegria que não pode se completar, pelo aborto da tristeza. As margens de uma felicidade estúpida e incongruente. O menino não sabia o que pensar ou dizer diante de uma situação obscena. O peru, morto, e frágil. Não poderia mais correr ou defender-se do homem que estava com seus garfos e facas prontos para devorá-lo completamente e sem dor na consciência. Com os lábios humedecidos de saliva, prontos para degustá-lo com tanta voracidade.

Pobre peru. Pensava o menino que se encontrou às margens da alegria quando viu aquela imponência e majestade, símbolo de uma força imbatível. E a decepção que o assolou no momento em que se viu diante da morte do peru. Agora já não havia mais como voltar no tempo. Pensava o menino. Eu poderia ter ficado um pouco mais com ele. Brincado. Nós teríamos momentos inesquecíveis, mas não foi possível uma aproximação maior. O tempo foi nosso maior inimigo. Agora só restava ver as pessoas degustarem sua carne macia e deliciosa até os ossos, fazendo aquele barulho insuportável de bocas salivadas e estupidamente sujas. Só queria voltar para casa e ver seu Pai e sua Mãe, pois o peru não estava mais ali. Nada mais importava para aquele pequeno menino-homem que em tenra idade sofreu a dor da perda.

Éveline já havia sentido o gosto da morte quando perdeu o marido, sabia que estava por vir a qualquer momento. Não era surpresa. Surpresa, sim, era aquela viagem e aquele

telegrama enigmático. O menino se surpreendeu em ver que a vida e a morte estão tão próximas como aquele peru estava próximo dele. Uma viagem sem volta porque não havia como voltar atrás no tempo e se sentir “As margens da alegria”, mais que isso. Nela. Roy e Rosa, representados aqui através de personagens distintos, mas próximos em suas sensibilidades, suas viagens e devaneios congruentes em momentos e espaços específicos. Assim como o menino ficou entusiasmado com a viagem até aquela cidade imensa e ele pequenino e frágil como o peru, Rosa se entusiasmava em cada passagem de sua vida. Lugares diversos, plurais em suas singularidades linguísticas e culturais. O sertão de Minas e seus mistérios os países que visitou e os lugares que viu e vivenciou intensamente. Tão frágil e pequenino como aquele menino.

Éveline ficou ansiosa com a ideia de reencontrar seu irmão que há muito não via, mas não sabia o que havia de ver. Talvez a morte, ou a alegria de reencontrá-lo. A sensação de impotência era intensa para ela que não sabia o que fazer. Frágil em sua idade avançada preferiu viajar de ônibus o que retardou sua chegada e não lhe permitiu ver seu irmão dar o último suspiro. A dor foi maior por ver que ele não estava mais ali e que o desejo de vê-la antes de morrer era fato. Mas algo novo aconteceu para ela. O mar. Nunca pode ver o mar e seu irmão deu a ela essa oportunidade única. E que sensação aquela de liberdade de poder. Como ela poderia agradecer um presente maravilhoso e único. O barulho das ondas que inebriavam seus ouvidos e cheiro da maresia emprenhando suas narinas. Podia sentir seu irmão presente naquela paisagem singular. Sabia que ele estava ao seu lado. Um misto de alegria e tristeza que se derramava na fragilidade daquela senhora. E sabia que logo estaria junto a ele. Aos seus que já haviam partido numa viagem sem retorno. Roy se encantava em cada lugar e momento que se encontrava. Em suas idas e vindas, entre França e Canadá pode sentir-se distante e próxima de realidades distintas, mas que se complementavam como parte de um todo na sua formação cultural de herança francesa e americana. Mundos que se cruzam além mar e se fixam nas humanidades.

Considerações Finais

A análise feita apresenta de forma sucinta alguns elementos presentes nas obras desses dois grandes autores que encontraram na literatura “os caminhos” para expressar sua visão de mundo e seu universo simbólico. Gabrielle Roy e Guimarães Rosa viveram em uma época de mudanças sociais, culturais e literárias intensas, onde era preciso se afirmar como “sujeito” atuante e engajado com as questões universais. O encontro consigo mesmo e a possibilidade de ser visto e reconhecido pelo “outro”, buscando a auto-afirmação.

A identidade cultural é um objetivo a ser alcançado, não somente porque existe um desejo de ser consagrado como um EU definido em uma sociedade fragmentada, mas também, porque o SER se completa através de si e do outro. É o paradoxo da vida humana, em que o homem sabe que é difícil se definir como SER, mas está sempre em busca dessa definição, através de um mundo desordenado que pode ser melhorado através da literatura e de suas possibilidades de aventuras de viagens imaginárias e reais que só o artista pode proporcionar para a humanidade e ele mesmo.

Nesse sentido, Roy e Rosa são dois representantes da literatura de países que foram colônias de nações ocidentais e que se (re)constroem através da história e encontraram nos escritos literários a forma de verbalizar suas angústias e desejos. Vontades que se expressam nos percursos e caminhos traçados no imaginário assim como na filosofia de uma sociedade rica e multicultural. Uma nação a qual encontra sua identidade na diversidade, que é representada na maneira de viver e ser diferente e que procura seu lugar no mundo contemporâneo fazendo da vida uma arte para se viver melhor.

Referências

MACHADO, Alvaro Manuel e PAGEAUX, Daniel. **Da literatura comparada à teoria da literatura**. Lisboa: Edições 70, 1988.

WHITFIELDS, Agnès. **L'oeuvre de Gabrielle Roy et La critique**. Lettres québécoises: La revue de l'actualité littéraire, numéro 37, 1985, p. 61-62.
[HTTP://id.erudit.org/iderudit/39938ac](http://id.erudit.org/iderudit/39938ac).

ROY, Gabrielle. **De quoi t'ennuies tu, Éveline?** Montréal: Québec, Boreal, 1984.

ROSA, Guimarães. **Primeiras Histórias.** São Paulo: Editora livraria José Olympio, 1968.

ⁱⁱ O que chama a atenção particularmente à obra de Roy se encontra na universalidade dos temas e em particular na importância que a autora dá às preocupações das personagens femininas. (tradução nossa).

ⁱⁱ A fragilidade da infância e da adolescência, a dura realidade da idade adulta, o casamento infeliz, a velhice, a natureza, a viagem e o devaneio. (Tradução nossa).

ⁱⁱⁱ Na sua velhice, quando ela não esperava mais grandes surpresas, nem para o coração nem para o espírito, mamãe teve uma aventura. A qual foi proporcionada por Majorique, o irmão que ela nunca havia esquecido, talvez porque ele levou a vida que ela gostaria de ter vivido: partir, conhecer o mais que possível as maravilhas desse mundo, passar a vida viajando. Toda a sua vida presa aos seus afazeres domésticos, aos seus deveres de esposa, nunca mamãe tinha abandonado seu desejo de liberdade, e quando a liberdade chega enfim, vem com a dor da separação. Seu marido no cemitério, seus filhos distantes, ela tinha o coração coberto pelas lembranças e as mágoas. (Tradução nossa).

^{iv} Majorique às vésperas da grande partida deseja rever Évelina. Segue o dinheiro. (Tradução nossa).